

## UM RECADO DE MÃE PARA FILHO

*A message from mother to son*

*Fabrcio César de Aguiar\**

*Larissa Walter Tavares de Aguiar\*\**

**RESUMO:** Este artigo visa analisar o texto “O recado do morro”, integrante da obra *Corpo de Baile* (1956), de João Guimarães Rosa, com o intuito de evidenciar os modos de percepção e transmissão do recado. Esse recado se origina no universo natural e se constitui gradativamente através de distintas formas de conhecimentos e percepções da realidade, como a imaginação infantil, a “loucura” e a sensibilidade artística, fugindo assim da lógica comunicativa convencional. Dessa forma, objetiva-se salientar como um dos traços fundamentais para a tal comunicação é a interação entre as personagens e o espaço natural, com destaque para a intensa relação entre o protagonista Pedro Orósio e sua Mãe Natureza.

**Palavras-chave:** Interação personagens/espaço; Recado do morro; *Corpo de Baile*.

**ABSTRACT:** *This article aims to analyze the text “O recado do morro” [“Message from the mountain”], part of the volume *Corpo de Baile* (1956), by João Guimarães Rosa, in order to show modes of perception and transmission of the message. This escapes conventional communicative logic and is formed gradually through distinctive forms of knowledge and perceptions of reality such the imagination of children, madness and artistic sensibility, thereby escaping the logic of conventional communication. For such communication to take place, it is necessary to highlight the interrelationship between the characters and the natural space, especially the intense interaction between the protagonist Pedro Orósio and his Mother Nature.*

**Keywords:** *Interaction characters/space; Recado do morro; *Corpo de Baile*.*

---

\* Graduado em Letras pela UEM - Universidade Estadual de Maringá - PR. Mestre em Literatura pela mesma instituição. Doutorando em Literatura pela UFPR - Universidade Federal do Paraná. E-mail: fabriciomustaine@gmail.com

\*\* Graduada em Letras pela UEM - Universidade Estadual de Maringá - PR. Mestra em Literatura pela mesma instituição. Doutoranda em Literatura pela UFPR - Universidade Federal do Paraná. E-mail: larissawtares@gmail.com

## Introdução

Para iniciar a análise proposta serão válidas algumas breves considerações sobre o conceito de espaço para a teoria literária e o modo como os seres interagem com ele e, também, o constituem. Com isso, a perspectiva adotada será a de interação mútua entre o espaço e os seres que o habitam. Como salienta Luís Alberto Brandão (2013, p.31), assim “como o espaço, toda a identidade é relacional, pois só se define na interface com a alteridade”. Da mesma forma, segundo Evely Libanori, tem-se que “o espaço não existe em si, independentemente da atividade que mantém com outros seres; [...] O ‘eu’ e o espaço existem em interdependência” (LIBANORI, 2006, p.78).

A partir dessa perspectiva interacionista evidencia-se a necessidade da percepção humana para a validação da existência do espaço:

O "eu" e o mundo físico existem simultaneamente. [...] Assim sendo, o homem consiste num ponto da sucessão de coisas, o que significa afirmar que o homem não poderia existir como um elemento apartado do seu espaço [...] O homem é a condição para existência do espaço. (LIBANORI, 2006, p.75)

Nessa perspectiva da interdependência entre os seres e o espaço, nota-se que este é um viés pelo qual pode ser abordada boa parte da obra de Guimarães Rosa, na qual a escolha por cenários naturais realista é essencial tanto para o desenvolvimento das histórias quanto para a caracterização da psicologia e da identidade das personagens, servindo também para suscitar reflexões acerca da cultura e da identidade brasileiras. Devido a esse perfil composicional, a estudiosa Mônica Meyer destaca que em Rosa “a concepção de natureza se fundamenta na interação entre sujeitos, todos feitos de uma só matéria, de um só couro. A relação entre vaqueiro e natureza não se estabelece dicotomicamente” (MEYER *In*. ROSA, 2011, p.222). Ainda sobre isso Meyer aponta que:

A visão que Guimarães Rosa tem dos elementos naturais abre a possibilidade de se olhar o humano integrado à natureza; os registros revelam uma proximidade entre o homem e as plantas, os bichos e as coisas. O olhar rosiano não distingue a natureza enquanto sujeito ou enquanto objeto; os elementos se misturam numa comunhão religiosa – todos os seres vivos comungam o mesmo chão, ar e água do sertão e se

envolvem através de uma religiosidade traduzida pela irmandade com o universo, que possibilita encontrar os fios que tecem a mesma teia da vida. (MEYER, 2008, p.128)

É essa perspectiva de irmandade entre seres e natureza que permeará “O recado do morro”. A trama narrativa descreve uma comitiva composta por alguns homens que visa ajudar seo Olquiste, um estrangeiro que desejava viajar pelo interior do Brasil no intuito de conhecê-lo em seus detalhes, o qual “estudava o que podia, escrevia a monte, em muito seus cadernos” (ROSA, 2010, p.38). Irão acompanhá-lo o frei Sinfrão, que servirá de tradutor para o estrangeiro, e o seo Jujuca do açude, que estava hospedando em suas terras tanto o clérigo quanto o pesquisador. Para manter sua posição social de “Senhor” e mostrar seu poder financeiro e de mando, seo Jujuca traz para integrar a comitiva o seu empregado Ivo, que funciona como um lembrete simbólico do poder do seu patrão. Para que possam andar pela região, irão fazer um acordo com Pedro Orósio para que ele os guie por aqueles caminhos. Pedro aceita o trabalho porque irá em direção ao norte, próximo ao lugar de seu nascimento, onde encontrará sua “vaqueirama irmã”. Assim, veem junto dele, “seguindo-o, a cavalo, três patrões entrajados e de limpo aspecto, gente de pessoa” (ROSA, 2010, p.08).

Junto à comitiva e ao longo do percurso até o destino final, um recado será construído com o intuito de salvar a vida de Pedro. O emissor desse recado será o Morro da Garça, símbolo da Terra Mãe, que contará com a atuação de alguns personagens marginalizados para dar corpo à mensagem que intenta passar ao seu filho. O Morro da Garça “é a *origem* da viagem do recado e, no seu grito silencioso, há plenitude de sentido, ainda que esse sentido deva se revelar na linguagem humana” (NOGUEIRAL, 2014, p.8). Dessa forma, essa estória pode ser compreendida como:

a estória de uma canção a formar-se. Uma revelação, captada não pelo interessado e destinatário, mas por um marginal da razão, e veiculada por outros seres não-reflexivos, não escravos ainda do intelecto: um menino, dois fracos de mente, dois alucinados – e, enfim, por um ARTISTA; que, na síntese artística, plasma-a em CANÇÃO, do mesmo modo perfazendo, plena, a revelação inicial (ROSA, 2003 p.92)

## 1 Desenvolvimento

Em “O recado do morro” nota-se que as marcas de interações entre as personagens e o espaço são evidenciadas desde a epígrafe do texto, que é uma citação de Plotino:

O melhor, sem dúvida, é escutar Platão: é preciso – diz ele – que haja no universo um sólido que seja resistente; é por isso que a terra está situada no centro, como uma ponte sobre o abismo; ela oferece um solo firme a quem sobre ela caminha, e os animais que estão em sua superfície dela tiram necessariamente uma solidez semelhante à sua. (ROSA, 2010-A, p.04)

A epígrafe escolhida está diretamente ligada à estória “O recado do morro”, uma vez que, nela, a terra irá, além de oferecer um solo firme para aqueles que nela habitam e proporcionando-lhes condições de subsistência e sobrevivência, atuar como protetora daqueles que com ela são irmanados. É o que ocorrerá em relação a Pedro Orósio, personagem que conseguirá escapar de uma emboscada devido ao recado enviado por sua “terra mãe”, esse recado contará com a contribuição de inúmeros personagens e circunstâncias para, em conjunto, alcançar o êxito em sua transmissão e compreensão, o que enfatiza a intensa relação entre o espaço natural e alguns personagens, em especial Pedro. Esse forte vínculo está presente na essência e no modo de vida do personagem, o qual é um “catrumano, nato num povoadim de vereda, no sertão dos campos-gerais. [...] ele trabucava forro, plantando à meia a sua rocinha, colhia até cana e algodão” (ROSA, 2010, p.13). Assim, tanto o fato de tirar da terra o seu sustento, quanto o fato de ter nascido e viver nessa terra, o que constitui sua identidade, fazem com que Pedro se vincule ao espaço como se fosse mais um elemento natural, ele está “plantado” nela com seus pés descalços e com raízes muito profundas, seu sustento e sua identidade, que irrigam sua essência e lhe conferem a “solidez” que homem e terra possuem em comum.

Além disso, o nome do personagem reforça esse “parentesco” com a natureza, uma vez que “Pedro” se relaciona ao vocábulo “pedra”. O sobrenome “Orósio” também se refere a terra: é a “soma de *oros* (montanha) e *ósio* (escolhido)” (MACHADO, 2013, p.107). Por vezes o personagem será referenciado como Pedrão Chãbergo. “*Pedrão* que é a grande pedra ou montanha. *Chã* que é chão, que é planície e que é simplicidade; [...] *Bergo* que é *berger*, do francês pastor, vaqueiro; mas que também guarda em si Berg, do alemão,

pedra mais uma vez” (MACHADO, 2013, p.107). Outro epíteto que receberá será “Pê-Boi”, visto como “irmão da vaqueirama”, forte como estes animais que fazem parte da constituição do cenário natural dos campos gerais.

Devido à sua afinidade com o meio natural, Pedro é um admirador daquela natureza. Para o personagem aquele é “o lugar mais formoso, devido ao ar e ao céu, e pelo arranjo que Deus caprichara em seus morros e suas vargens; por isso mesmo lá, de primeiro, se chamara Vista-Alegre” (ROSA, 2010, p.16). Esse espaço é descrito com algumas grutas e cavernas, habitadas por plantas, animais e também por humanos, como no caso dos personagens irmãos Catraz e Gorgulho. O primeiro, também conhecido como Zaquia ou Qualhacoco, residia em uma pequena gruta na Lapa do Breu, já o segundo, conhecido como Malaquias, morava na “Lapa dos urubus”, conhecida como a “Lapinha do Gorgulho”, pois há mais de trinta anos morava lá.

Gorgulho já desempenhara a função de valeiro, cavando valas para delimitar aqueles campos. Depois se tornou lavrador: “A gente planta milho, arroz, feijão, bananeira, abobra, mandioca, mendobí, batata-dôce, melancia...” (ROSA, 2010, p.25). De vez em quando também caçava pacas, além de fazer balaios para serem vendidos em feiras. Desta maneira, nota-se que este personagem possui costumes e um modo de vida com muitas semelhanças aos das comunidades indígenas que primeiro habitaram estas terras, tendo influência destes também em seu falar, descrito pelo narrador como “um engrol fanho, ou baixando em abafado nhenhém” (ROSA, 2010, p.24). Evidencia-se, então, a relação entre seu abafado “nhenhém” com a estrutura linguística indígena conhecida como “nheengatu”, uma variante do tronco tupi, que, como salienta o antropólogo Darcy Ribeiro (1995, p.123) “introduzido como língua civilizadora pelos jesuítas, o nheengatu permaneceu, depois da expulsão deles, como a fala comum da população brasileira local e subsistiu como língua predominante até 1940.” Sendo assim, as caracterizações de Gorgulho, que também vão se aplicar ao seu irmão Zaquia, destacam que, semelhante aos indígenas, também possui um forte vínculo com o espaço natural, vivendo irmanadamente com ele e com as outras formas de vida ali presentes, mostrando descenderem de uma raiz

em comum. Assim, nota-se semelhanças entre essas personagens e o protagonista Pedro Orósio no que tange à vinculação deles ao ambiente natural.

Esse apego pela região, explícito principalmente no caso do protagonista, que quer voltar à sua terra para “pelo menos pisar o chapadão chato, de vista descoberta, e cheirar outra vez o resseco ar forte daqueles campos, que a alma da gente não esquece nunca direito e o coração de geralista está sempre pedindo baixinho” (ROSA, 2010, p.13), destaca a relação fraternal entre homens e espaço. Essa afetividade é frequentemente percebida em comunidades mais primitivas, em que, como destaca Libanori,

As primeiras valorizações religiosas da Terra consideravam a ela e a seus elementos constituintes (pedras, animais, árvores, nuvens, água) como uma unidade indissolúvel. [...] A Terra foi, então, cultuada como *Tellus mater*, a "mãe" protetora que gera o homem, dá a ele proventos durante toda a vida e, sobrevinda a morte, acolhe-o em suas entranhas. (LIBANORI, 2006, p.60)

É justamente por a terra e seus elementos formarem uma unidade indissolúvel que, na estória, o recado consegue ser transmitido. No conto, a terra serve como fonte de vida, lugar de acolhimento após a morte e atua como uma mãe que alerta o filho sobre um perigo. Assim, ela interfere para que um de seus elementos constituintes, Pedro, consiga escapar de uma emboscada através de um recado cifrado que é transmitido, transformado gradativamente e complementado, entre aqueles com os quais a terra possui ligação, até alcançar sua intenção comunicativa.

Inculto na cultura letrada, Pedro é um nativo do meio rural muito sábio no que diz respeito ao conhecimento dos caminhos, dos perigos etc. Por isso é escolhido como o guia da comitiva, representando uma posição que já fora ocupada muitas vezes por nativos de distintas regiões do país, que guiaram exploradores, viajantes e pesquisadores, conduzindo-os a lugares que jamais teriam alcançado sem as orientações dos moradores locais, que têm profundo conhecimento dos modos de sobrevivência naqueles ambientes. Como salienta Darcy Ribeiro, estudioso de comunidades indígenas,

Mais do que transmissores de modos tradicionais de sobrevivência na floresta úmida, desenvolvidos em milênios de esforço adaptativo, os

índios foram o saber, o nervo e o músculo dessa sociedade parasitária. Índios é que fixavam os rumos, remavam as canoas, abriam as picadas na mata, descobriam e exploravam as concentrações de especiarias, lavravam a terra e preparavam o alimento. Nenhum colonizador sobreviveria na mata amazônica sem esses índios que foram seus olhos, suas mãos e seus pés. (RIBEIRO, 1995, p.313)

Assim, Pedro Orósio será os olhos, as mãos e os pés daquelas “pessoas instruídas, gente de mando” (ROSA, 2010, p.15). Destaca-se também o fato destes “patrões” representarem as principais estruturas de poder da sociedade urbana: a autoridade financeira, a religiosa e a do conhecimento letrado de tradição urbana e europeia. Dessa forma, ao elegerem-no como guia, legitimam a importância do conhecimento não letrado daquele catrumano, essencial para que aquela trajetória fosse bem-sucedida. Ao fazer isso, Rosa reorganiza a hierarquia social convencional, pois, mesmo que de modo temporário, Pedro, com toda sua simplicidade, descalço e a pé, será o líder da situação, sendo que os “patrões” irão segui-lo cegamente.

O vasto conhecimento de Pedro em relação ao lugar e sua capacidade de localização espanta seo Jujuca: “\_\_ como é que um pode conhecer esses espigões? É tudo igual, é tudo igual... É o mesmo difícil que se campear em lugares de vargem...” (ROSA, 2010, p.50). Percebe-se que essa habilidade/conhecimento são frutos da familiaridade com aquele espaço, algo que seo Jujuca não possui, pois, por mais que fosse proprietário de terras dali, não possuía vínculo, que não o econômico, com o meio natural.

## **2 O caminho do recado**

Entre as personagens, Pedro é conhecido como um grande conquistador, muito vaidoso, enquanto guiava a comitiva, “com frequência tirava do bolso um espelhinho redondo: se supria de se mirar, vaidoso da constância de seu rosto” (ROSA, 2010, p.14). Ele era

o maior bandoleiro namorador: as moças todas mais gostavam dele do que de qualquer outro; por abuso disso, vivia tirando as namoradas, atravessava e tomava a quem bem quisesse, só por divertimento de indecisão. Tal modo que muitos homens e rapazes lhe tinham ódio, queriam o fim dele, se não se atreviam a pegá-lo era por sensatez de

medo, por ele ser turuna e primão em força, feito um touro ou uma montanha. (ROSA, 2010, p.13)

O próprio Pedro sabia destas inimizades, as quais farão parte das ações que movem a narrativa, pois Ivo, empregado de seo Jujuca, juntamente com outros seis homens que também haviam sofrido pela sedução de suas companheiras, tramam uma emboscada para matá-lo. Ivo estava encarregado de distraí-lo e fingir amizade, para que ele fosse levado ao perigo sem que percebesse. Sendo assim, durante a viagem, Ivo conversa com Pedro como se não houvesse mais desavença e rancor de sua parte. Pedro, que não “tinha medo de ninguém, assim descarecia de fígado ou peso de cabeça para guardar rancor. Contentava-o ver o Ivo abrir paz” (ROSA, 2010, p.14). O protagonista argumenta que assim seria melhor, uma vez que Ivo era ali o único “de sua igualha”, com quem tinha liberdade para conversar durante o trajeto. Porém, alguns detalhes mostram que aquela amistosidade era falsa.

Dessa forma, como a vida de Pedro corria perigo, sua “terra mãe” intervém para salvá-lo. Por intermédio do “Morro da garça”, será enviada uma mensagem cifrada, que será transmitida em um “telefone sem fio”, sendo gradativamente transformada até alcançar seu intento comunicativo. É importante atentar que o recado será transmitido pela oralidade, prática comum na tradição popular não letrada, o que faz com que se possibilitem variações de conteúdo, tanto pela perda de informações na memória, quanto pela perspectiva subjetiva pela qual é recebido e complementado no ato da fala, diferente do que ocorreria se o recado fosse escrito. Este será levado adiante por indivíduos que possuem modos diferentes de pensar e/ou de se relacionarem, fugindo das estruturas convencionais, o que é muito coerente, uma vez que o recado também não possui uma estrutura comunicativa racional padrão. Essa fuga do padrão cartesiano foi abordada por Rosa ao comentar que: “como eu, os meus livros, em essência, são “anti-intelectualistas” – defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxolear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana” (ROSA, 2003, p.90).

Assim, destaca-se que o primeiro responsável pela percepção e transmissão do recado será Gorgulho, personagem muito vinculado ao mundo natural, como já caracterizado anteriormente. Isto se dá no momento que a comitiva há pouco o havia



avistado. Pê-Boi e seus seguidores estranham ao verem o personagem “esbarrar” e começar a argumentar com o morro:

E, nisso, de arranco, ele esbarrou, se desbraçando em gestos e sestros, brandindo seu cacete. Fazia espantos. Falou mesmo, voz irada, logo ecfônico:

\_\_ Eu?! Não! Não comigo! Nenhum filho de nenhum... Não tou somando! Tomou fôlego, deu um passo, sem sossegar:

\_\_ Não me venha com loxías! Conselho que não entendo, não me praz: é agouro!

E mais gritava, batendo com o alecrim no chão: De tanta maneira, sincera era aquela fúria. Silenciou. E prestava atenção toda, de nariz alto, como se seu queixo fosse um aparelho de escuta. Ao tempo, enconchara a mão à orelha esquerda.

Alguém também algo ouvira? Nada, não. Enquanto o Gorgulho estivera aos gritos, sim, que repercutiam, de tornavoz, nos contrafortes e paredões da montanha, perto, que para tanto são dos melhores aqueles lanços. Agora e antes, porém, tudo era quieto.

\_\_ “Que foi que foi, seu Malaquia?” – já ao lado dele Pedro Orósio indagava. (ROSA, 2010, p.19-20)

Gorgulho, mesmo sem compreender o recado, irá passá-lo adiante após acrescentar a ele suas impressões, o que irá acontecer de modo bem semelhante com os demais agentes desse elo comunicativo. Assim, por mais que seja quase surdo, Gorgulho, será o receptor utilizado pela “terra mãe”, devido ao seu vínculo com ela, para iniciar o processo do recado direcionado a Pedro, o qual, diferente dos demais viajantes da comitiva, respeita-o e o trata de modo amigável, sendo apenas por pedido dele que Gorgulho seguirá caminhando junto da comitiva. Então, enquanto viajavam, o novo integrante da comitiva diz aos demais que estava a caminho da gruta do irmão para convencê-lo a não se casar, pois tinha ouvido rumores disso. Na realidade, seu irmão Catraz apenas achava bonita uma mulher que ilustrava o calendário, mas as informações foram distorcidas até chegar ao irmão de modo alterado. É interessante perceber que esta estrutura de uma mensagem distorcida, que o faz seguir por aqueles caminhos, é o que proporcionou que ele escutasse o “recado do morro”, o qual seguirá um tipo de comunicação oral que se distorce de modo semelhante. Questionado de qual seria esse recado ele responde:

Pois-olhe-que, vir gritar recado assim, que ninguém não pediu: é de tremer as peles... Por mim, não encomendei aviso, nem quero ser favoroso... Del-rei, del-rei, que eu cá é que não arrecho dessas conversas,

pelo semelhante! Destino, quem marca é Deus, seus Apóstolos! E que toque de caixa? É festa? Só se for morte de alguém... Morte à traição, foi o que ele Morro disse. Com a caveira, de noite, feito História Sagrada, del-rei, del-rei!... (ROSA, 2010, p.31)

Evidencia-se nesta passagem, além da complexidade da comunicação linguística, o fato da não-compreensão total do recado por Gorgulho, o que destaca o fato de que “o aspecto afetivo da mensagem, seu conteúdo indistinguível e inacessível aos próprios intérpretes é mesmo a mola propulsora da sua propagação” (MARCHELLI, 2016, p.235). Isso se dá porque o recado não é para ele, Gorgulho, que é uma das etapas da transmissão da mensagem confidencial da Mãe Terra para o filho Pedro. A mensagem advinda do morro tem seus “enunciados” comunicativos incompreendidos pelos mais estudados e do meio urbano. Assim, o estilo de vida de Gorgulho e sua sensibilidade com a natureza serão essenciais para que ele seja o responsável por iniciar o processo de comunicação/transformação do recado do morro. Esse aspecto é sugerido na escolha de uma das formas de chamar esse personagem: Malaquias, sendo feita uma intertextualidade com o profeta bíblico que será o responsável por reafirmar o “recado” milenarista da tradição hebraica, referente à volta do messias. Nas inúmeras alterações que o recado do morro irá sofrer, este nome contribuirá para a remissão que será feita por Laudelim ao Malaquias bíblico, como destaca Zilberman “a sacralização do Morro da Garça e a incorporação, pelo local geográfico, do papel desempenhado por Deus no Velho Testamento se fortalecem graças à caracterização de Malaquias” (ZILBERMAN, 2006, p.96).

Seguindo a caminhada e o roteiro do recado, a comitiva tem como pouso a propriedade de seu Nhôto, chegando já ao anoitecer. Na manhã seguinte, enquanto conversavam, eles veem se aproximar Catraz, “um camarada muito comprido, magrelo, com cara de sandeu – custoso de se acertar alguma ideia de donde, que do calcanhar-dojudas, um sujeito sambanga assim pudesse ter sido produzido” (ROSA, 2010, p.40-41). Ele era tido como “doido” até mesmo pelo menino Joãozezim, garoto esperto que reparava detalhadamente em tudo ao seu redor. Era o que mais conversava com Catraz, e por isso será entre eles que o recado continuará a ser transmitido.

Após alguns questionamentos, Zaquia comenta a visita de seu irmão e do fato dele relatar a estranha experiência de receber um recado do morro. No entanto, nesse momento as pessoas já não estão mais dando atenção a Catraz, exceto Joãozezim, que se aproxima mais para ouvi-lo. Então ele passa o recado ao menino, comentando além do recado fatos referentes ao momento que o irmão o escutou, quando era acompanhado pelos cinco homens da comitiva, mas que já se tornam, no “telefone sem fio”, seis ou sete:

Dixe que ia andando por um caminho, rompendo por espinhaço dessas serras... [...] ...e um morro, que tinha, gritou, entences, com ele, se foi pra alguns dos outros. É que tinha uns seis ou sete homens, por tudo, caminhando mesmo juntos, por ali, naqueles altos... E o morro gritou foi que nem satanaz. Recado dele. Meu irmão Malaquia falou del-rei, de tremer peles, não querendo ser favoroso... Que sorte de destino quem marca é Deus, seus Apóstolos, a toque de caixa, coisa de festa... Era a Morte. Com a caveira de noite, feito História Sagrada... Morte à traição, pelo semelhante. Malaquia dixeu. A Virgem! Que é que essa estória de recado pode ser?! Malaquia meu irmão se esconjurou, recado que ninguém se sabe e pediu... (ROSA, 2010, p.44-45)

Catraz altera a mensagem, claramente, devido a possíveis lapsos de memória em relação à fala do irmão, assim como a recontando com base no que havia entendido dele e complementando-a com comentários pessoais. Logo em seguida o recado será transmitido/transformado na comunicação entre o menino Joãozezim e o personagem Guégue, tido como “doido” pelo pessoal da região, que frequentemente aparecia na casa do seo Nhôto para prestar pequenos favores à sua família. Guégue não é visto com seriedade pela maioria das pessoas do local, exceto novamente para Joãozezim, para o qual os adultos também não davam muita atenção. Sendo assim, “quem ia pôr atenção no Guégue? Quem, no menino Joãozezim?” (ROSA, 2010, p.47). Porém, com Guégue o menino ficava à vontade, conversando de igual para igual. Por isso lhe confia a mensagem que escutara há pouco:

\_\_ ...Um morro que mandou recado! Ele disse, o Catraz, o Qualhacôco... Esse Catraz, Qualhacôco, que mora na lapinha, foi no Salomão, ele disse... E tinha sete homens lá, com o irmão dele, caminhando juntos, pelos altos, você acredita? [...] \_\_ O recado foi este, você escute certo: que era o rei... Você sabe o que é rei? O que tem espada na mão, um facão comprido e fino, chama espada. Repete. A bom... O rei tremia as peles, não queria ser favoroso... Disse que a sorte quem marca é Deus, seus

Apóstolos. E a Morte, tocando caixa, naquela festa. A Morte com a caveira, de noite, na festa. E matou à traição... (ROSA, 2010, p.48)

Percebem-se nesse momento inúmeras confusões que Joãozezim irá cometer, alterando muitos aspectos do recado inicial: quando diz que o Catraz foi no Salomão está somando ao recado uma informação que Zaquia, antes de iniciar o recado, havia comentado: “O Malaquia conversava com ele coisas de religião, também. Tinha falado num lugar, no lugar muito estranho – onde tem a tumba do Salomão: quase que ninguém não podia chegar lá” (ROSA, 2010, p.44). Além disso, para se fazer entender por Guégue, o menino acrescenta uma espada na descrição do rei, distorcendo novamente a mensagem ao informar que esse rei tremia as peles e não queria ser “favoroso”, atitudes inicialmente relacionadas ao Gorgulho. Como se trata de uma criança, tipicamente acostumada a pensar no sentido literal, não entende o sentido figurado da expressão “a toque de caixa” e atribui à Morte a ação de tocar caixa em uma festa à noite.

Esse recado, já alterado, será levado adiante por Guégue, que temporariamente integrará a comitiva de Pedro e o auxiliará naquele trecho do caminho. Assim, devido à alegria de atuar como guia naquele trecho, Guégue, propositalmente, erra o caminho para que pudesse ficar mais tempo com aquela companhia. No entanto, essa atitude do Guégue é essencial para que encontrassem Nômine Domine, um “maluco” que será o próximo elo comunicativo.

Era um homem grenhudo, magro de morte [...] deitado embaixo duma paineira, espojado em cima do estercó velho vacum, ele estava proposto de nu – só tapado nas partes, com um pano de tanga. [...] solevava numa mão uma comprida cruz, de varas amarradas a cipó – brandia-a com autoridade. Era um doido. (ROSA, 2010, p. 52-53)

Pedro e Guégue ficam surpresos com aquele ser. Enquanto o Nômine Domine começa a falar sobre o fim do mundo com Guégue, este lhe diz que aquilo devia ter alguma relação com o que o menino Joãozezim lhe contara. Isso aguça a curiosidade do “profeta”. Então Guégue lhe conta que,

foi que o Rei – isso do Menino – com a espada na mão, tremia as peles, não queria ser favoroso. Chegou a Morte, com a caveira, de noite, falou assombrado. Falou foi o Catraz, Qualhacôco: o da Lapinha... Fez

sinosaimão... Mas com sete homens, caminhando pelos altos, disse que a sorte quem marca é Deus, seus Doze Apóstolos, e a Morte batendo jongo de caixa, de noite, na festa, feito história Sagrada... Querendo matar à traição... (ROSA, 2010, p.55-56)

Além de acrescentar que eram doze o número de apóstolos, comenta que escutou aquele recado de um menino, que havia escutado do Catraz, o da Lapinha, e para remeter a Salomão, informação já distorcida, Guégue diz “Fez sinusaimão”, como se ao contar o recado, Catraz tivesse feito esse gesto, descrito como “sinusaimão”, que é claramente uma referência ao *sino saimão*, termo derivado do latim *signum* e *Salomon*, popularmente conhecida como “a estrela de Davi”. Depois da apresentação do recado, Guégue questiona se aquilo referia-se ao “fim-do-mundo” anunciado por aquele “profeta”, que lhe responde tratar-se do começo dele, dizendo: “um arcanjo sabe o poder de palavras que acaba de sair da tua boca...” (ROSA, 2010, p.55-56). Após dizer essas palavras, ele levanta-se às pressas e parte.

Na manhã seguinte o povoado acorda com os gritos de Nômine Dômine que vinha anunciando a todos sua “Boa Nova”: “... É a Voz e o Verbo... É a Voz e o Verbo... Arreúnam, todos, e me escutem, que o fim-do-mundo está pendurado! Siso, que minha prédica é curta, tenho que muito ir e converter...” (ROSA, 2010, p.64). Então ele corre até a igreja e toca o sino, chamando a atenção de todos do arraial. Em seguida, já na igreja, começa a pregar o “recado” do juízo final:

— ...Escutem minha voz, que é a do anjo dito, o papudo: o que foi revelado. Foi o Rei, o Rei-Menino, com a espada na mão! Tremam todos! Traço o sino de Salomão... Tremia as peles – este é o destino de todos: o fim de morte vêm à traição, em hora incerta, é de noite... Ninguém queira ser favoroso! Chegou a Morte – aconforme um que cá traz, um dessa banda do norte, eu ouvi – batendo tambor de guerra! Santo, santo, Deus dos Exércitos... A Morte: a caveira, de dia e de noite, festa na floresta, assombrando. A sorte do destino, Deus tinha marcado, ele com seus Dôze! E o Rei, com os sete homens-guerreiros da História Sagrada, pelos caminhos, pelos ermos, morro a fora... Todos tremeram em si, viam o poder da caveira: era o fim do mundo. Ninguém tem tempo de se salvar, de chegar até na lapinha de Belém, pé da manjedoura... Aceitem meu conselho, venham em minha companhia... Deus baixou as ordens, temos só de obedecer. É o rico, é o pobre, o fidalgo, o vaqueiro e o soldado... Seja Caifaz, seja Malaquias! E o fim é à traição. Olhem os prazos!... (ROSA, 2010, p.68-69)

Novamente, devido algumas confusões, impressões subjetivas e alguns traços intuitivos, o recado será alterado. O anjo mensageiro papudo ao qual se refere é o Guégue. Há uma associação do rei ao menino Joãozezim, dizendo sobre o rei-menino com a espada na mão. O “sinosaimão” vira o sino de Salomão. A morte à traição anunciada é para todos, enfatizando o poder da mensagem, pois aqueles que viram o poder da caveira anunciando o fim do mundo tremeram. A lapinha do Catraz torna-se a “Lapinha de Belém”, na qual é acrescentada uma manjedoura inexistente até então. Isso ocorre porque essas informações foram “atualizadas” por um personagem com certa formação cristã, motivo pelo qual o nome Catraz vira Caifaz e o Malaquias (Gorgulho) será associado diretamente ao mensageiro bíblico. Depois da “profecia”, o personagem pede a benção ao padre, que acabara de interrompê-lo, e parte com o intuito de salvar o resto do mundo.

Esse novo recado será levado adiante pelo coletor, outro personagem tido como doido, o qual, segundo o narrador, ensandecera devido a alguns contratempos vividos. Ele possuía o estranho costume de sempre levar consigo uma “pilha de papéis e jornais, e com as algibeiras cheias de tocos de lápis, com eles constantemente fazia contas de números nas beiradas brancas dos jornais” (ROSA, 2010, p.68). Isso porque queria anotar constantemente o quão rico era, preferindo sempre “números maiúsculos, por render mais: os nove, oitos ou setes” (ROSA, 2010, p.74). Como destaca o narrador, “imaginava-se rico, milionário de riquíssimo, e o tempo todo passava revendo as contas de suas posses. Escrevia em papel, riscava no chão, entalhava em casca de árvore, em qualquer parte. [...] Aquele homem tinha uma felicidade enorme.” (ROSA, 2010, p.72-73).

Este personagem será o responsável pela transmissão/transformação da mensagem que chegará a Laudelim, violeiro amigo de Pê-Boi, “trovista, repentista, precisando de viver sempre em mandria e vadiice, mas mais gozando e sofrendo por seu violão; apelido dele era Pulgapé” (ROSA, 2010, p.73). Pedro e Laudelim saem caminhar próximo à Igreja Matriz, passando ao lado do coletor que naquele momento rabiscava na parede da igreja sua “fortuna”. De repente são chamados por ele, o qual adverte Pedro Orósio: “Fim do mundo... Já se viu?! Virou a cara – avermelhado, aperuado. \_\_ Por que o senhor não pegou aquele, à força, não derrubou pela porta a fora, da igreja, zero, zezero!? [...] \_\_ Fim do mundo... O

ção! Agora que eu estou tão rico...” (ROSA, 2010, p.74). Indignado, mas sem parar de escrever os dígitos de sua riqueza, ele reconta o “recado”:

O rei-menino, com a espada na mão! E o cinco-salmão: ara, só se vê disso, hoje em dia, é na bandeira do Divino, bordado rebordado... Baboseira! Morrer à traição, hora incerta, de tremer as peles... Dôze é dúzia - isso é modo de falar? O que vale a gente é as leis... Quero ver, meu ouro. Não sou o favoroso? [...] A Morte – esconjuro, credo, vote vai, câ! Carece de prender esse Santos-Óleos, mandar guardar em hospícios... Vê lá se a Morte vem vindo, daí da banda do Norte, feito coisa de Embaixador, no represento de festa de cavahada? E caixa e tambor, quem estão batendo é essa gente de Sãtomé, à revelia... [...] De que o Rei, pelos ermos, sete soldados, fidalgos e guerreiros da História Sagrada, e lapa de Belém, tudo por traição, dando conselho e companhia, ao pé da manjedoura, porque Deus baixou ordens... [...] Isso do mundo acabar, de noite ou de dia, é invenção de gente pobre... Arrenego! Uma tana! Que seja p’ra o Capataz, e esta aqui p’ra o Malaquias!... (ROSA, 2010, p.75)

Evidencia-se que a anunciação do fim do mundo, para aquela personagem, era muito ruim, “invenção de gente pobre”, pois, na percepção dele, se o mundo acabasse ele não poderia desfrutar de sua riqueza. A referência feita por Nômine Dômine a Salomão é distorcida para “Sãtomé”, assim como o nome de Catraz, já alterado para caifaz, virou o “capataz”. Após essa remissão, o recado servirá de estímulo para o músico Laudelim. Mesmo sendo um recado problemático para ser compreendido pela racionalidade convencional, o violonista, “que dava de com os olhos não ver, ouvido não escutar” (ROSA, 2010, p.76), possui uma sensibilidade diferente para captar as coisas ao seu redor de modo intuitivo, não convencional. Por esse motivo, ele que estava indo ao cemitério buscar estímulos para novas composições, ao escutar o coletor comenta com Pedro que naquelas palavras havia algo muito importante, tendo achado o que estava procurando: “vou mais no cemitério não. Já achei...” (ROSA, 2010, p.76). Assim, segue em direção a casa do Siô Tico, onde irá compor uma canção, a qual será a última versão do recado do morro.

Ao final daquele dia, Ivo aproxima-se de Pedro para levá-lo em direção à festa que haviam combinado, a qual na realidade se tratava da emboscada tramada. Quando estavam prestes a sair, Pedro para na frente de uma das casas do arraial para apreciar a música tocada lá dentro por seu amigo Laudelim. Então seo Alquiste avista Pedro e pede que ele

entre para festarem juntos, pedido endossado por seo Jujuca e que causa grande contentamento em Laudelim. Alegre com a presença de Pê-Boi, o músico empolga-se e começa a dedilhar algo inédito, uma canção recém-composta:

Quando o Rei era menino  
já tinha espada na mão  
e a bandeira do Divino  
com o signo-de-salomão.  
Mas Deus marcou seu destino  
de passar por traição.

Doze guerreiros somaram  
pra servirem suas leis  
ganharam prendas de ouro  
usaram nomes de reis.  
Sete deles mais valiam:  
dos doze eram um mais seis...

Mas, um dia veio a Morte  
vestida de Embaixador:  
chegou da banda do norte  
e com toque de tambor.  
Disse ao Rei: \_\_ A tua sorte  
pode mais que o teu valor?

\_\_ Essa caveira que eu vi  
não possui nenhum poder!  
\_\_ Grande Rei, nenhum de nós  
escutou tambor bater...  
Mas é só baixar as ordens  
que havemos de obedecer.

Meus soldados, minha gente,  
esperem por mim aqui.  
Vou à Lapa de Belém  
pra saber que foi que ouvi.  
E qual a sorte que é minha  
desde a hora em que nasci...

Não convém, oh Grande Rei,  
juntar a noite com o dia...  
\_\_ Não pedi vosso conselho,  
peço a vossa companhia!  
Meus sete bons cavaleiros  
flor da minha fidalguia...

Um falou pra os outros seis



e os sete com um pensamento  
 \_\_ A sina do Rei é a morte,  
 temos de tomar assento...  
 Beijaram suas sete espadas  
 produziram juramento.

A viagem foi de noite  
 por ser tempo de luar.  
 Os sete nada diziam  
 porque o Rei iam matar  
 Mas o Rei estava alegre  
 e começou a cantar...

\_\_ escuta, rei favoroso,  
 Nosso humilde parecer:  
 .....” (ROSA, 2010, p.85-87)

Laudelim organiza em forma artística aquele misto de informações captado nas palavras do coletor. Novamente serão feitas algumas alterações e complementações no recado. Agora é o rei menino quem possui a espada na mão. Também é acrescentada uma bandeira com signo de Salomão. O ouro, representante da “riqueza” do coletor, torna-se o material das prendas ganhadas pelos doze guerreiros, numerados por Guégue. O embaixador da mensagem, sendo o Nômine Dômine nas palavras do coletor, se transforma na morte, a qual vem da banda com toque de tambor. Neste ponto, o instrumento caixa, inserido na mensagem por Joãozezim, é trocado pelo tambor com finalidade estrutural de rimar com a palavra embaixador. Os sete guerreiros armados irão direcionar o Rei à Morte, tentando matá-lo à traição, tudo isso em uma noite de lua e com a ação do rei cantando, aspectos que serão essenciais para a identificação/reconhecimento de Pedro Orósio com a situação expressa na canção.

Após o término da execução musical, ainda durante as palmas, Pedro sai para urinar. Ivo aproveita para chamá-lo a partir, pedindo que não convidasse mais ninguém. Era uma noite de lua cheia, como na cantiga, e Pedro começa cantar, ato essencial para o êxito do “recado materno”:

E a canção, o “recado”, opera, afinal, funciona. Mas, Pedro Orósio — que sempre, de todas as vezes, estivera presente, mas surdo e sem compreensão, nos momentos em que cada elo se liga, só consegue perceber e receber a revelação (ou profecia, ou aviso), quando sob a forma de obra de arte. E,

mesmo, só quando ele próprio se *entusiasma* pela canção e canta-a (ROSA, 2003 p.93)

Neste momento da narrativa, Ivo começa a tentar embriagar Pedro para mais facilmente conduzi-lo à emboscada. Na saída para o Saco-dos-Côchos, Ivo encontra seus companheiros, que começam a rodear Pê-Boi fingindo querer agradá-lo. A todo instante Pedro relembra e cantarola partes da cantiga. Após uma boa caminhada, com Pedro sendo incitado a beber a todo instante, Ivo pede que Pedro entregue suas armas, pois havia bebido demais. Ele se recusa a entregá-las. A bebida o auxilia a pensar de modo distinto do convencional, abrindo sua mente para a compreensão do recado. Mais adiante, Pedro Chãbergo retira as botas que lhe incomodavam e rumando em direção a sua terra, percebe que ali estava em casa. “Ele, Pê, era o Rei, dono dali, daquelas faixas de matas” (ROSA, 2010, p.95). De repente, a embriaguês, o contato direto com a terra e a cantiga que não saía de sua cabeça começam a se relacionar e ocorre uma espécie de epifania: ele, Rei dali, estava em uma noite enluarada rodeado de sete homens armados... que o matariam à traição? Neste momento ele percebe a emboscada. Então, dá um bofetão em Ivo e avança sobre os demais, que tentam matá-lo, já que ele descobrira o plano. Uns são golpeados enquanto outros fogem, restando Ivo em suas mãos, que com medo implora-lhe perdão. Então, Pedro o solta e, “com medo de crime, mesmo com a noite, abriu grandes pernas. Mediu o mundo. Por tantas serras, pulando de estrela em estrela, até aos seus Gerais” (ROSA, 2010, p.97). Ao final do texto, aproximando do universo da fantasia, e não da racionalidade cartesiana convencional, “pulando de estrela em estrela” Pedro segue em direção ao seu local de nascimento, ao ventre da terra de onde fora gerado e se constituído enquanto ser em sua relação diária com aquela terra.

### **Conclusão**

Ao final da narrativa e deste estudo pode-se perceber que o recado do morro alcançou êxito através do somatório de seres e circunstâncias que se relacionaram de modo harmonizado, numa noção panteísta das relações entre a “Mãe Natureza” e todos os seus elementos constitutivos, sendo Pedro um destes, ficando evidenciada a intensa interação

existente entre as personagens e o espaço natural, traço que irá se mostrar presente em diversos textos de Guimarães Rosa.

Por partir do universo natural, o recado foi estruturado e transmitido de modo a fugir do padrão de pensamento e comunicação convencionais. Para isso contribuíram distintas formas de conhecimentos e percepções da realidade, pautadas nos raciocínios daqueles considerados “loucos”, na razão infantil, na intuição, assim como no modo de pensamento e expressão artística. Tiveram contribuição especial Gorgulho e Zaquia, irmanados com a terra, o menino Joãozezim, com a contribuição do pensamento e imaginação infantil, Guégue, o “profeta” Nômine Dômine, o coletor e por fim Laudelim, artista sensível que conseguiu estruturar o recado em forma de canção e assim alcançar de modo eficaz a intenção comunicativa da Natureza na emissão do recado direcionado “de mãe para filho”.

## Referências

- BRANDÃO, L. A. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- LIBANORI, E. V. *A construção do espaço em Ópera dos Mortos, de Autran Dourado, e Pedro Páramo, de Juan Rulfo*. 2006, 196f., (Tese de Doutorado em Estudos Literários), Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis.
- MACHADO, A. M. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MARCHELLI, C. C. B. *A cadeia de transmissão em “o recado do morro”, de Guimarães Rosa*. In: *Texto Poético*, Campinas, v.20, 2016
- MEYER, M. *Ser-tão Natureza: A natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- NOGUEIRAL, E. S. *A viagem da voz em “O recado do morro”, de Guimarães Rosa*. In: *Recorte*, Belo Horizonte, v.11, nº 12, 2014.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2º ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

ROSA, J. G. *Corpo de baile. Vol.1* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010 - A.

\_\_\_\_\_. *Corpo de baile. Vol.2* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

\_\_\_\_\_. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ZILBERMAN, R. *O recado do morro: uma teoria da linguagem, uma alegoria do Brasil*. In: *Eixo e a roda*, Belo Horizonte, v.12, 2006.

Recebido em: 29/09/2016

Aceito em: 10/12/2016